



ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo

Ciganos e não ciganos: imagens conflituosas em contextos de vizinhança – o bairro social da Atouguia, Guimarães

SILVA, Manuel Carlos,
Doutor em Sociologia
Universidade do Minho
mcsilva@ics.uminho.pt

SOBRAL, José Manuel
Doutor em Antropologia Social
Universidade de Lisboa
josé.sobral@ics.ul.pt

RAMOS, Mariana
Licenciada em Sociologia
Media Planning
marianaramos.pereira@gmail.com

RESUMO

Nesta comunicação pretendemos evidenciar, com base num estudo do bairro social de Atouguia em Guimarães, onde portugueses ciganos e portugueses não ciganos vivem lado a lado, algumas das imagens que cada um dos grupos tem de si próprio e do outro. Trata-se de comunidades em dificuldades, territorial e socialmente desvalorizadas, embora encontremos associados ao caso dos ciganos um estigma com raízes históricas profundas.

Procurando saber até que ponto se têm ou não verificado avanços no interconhecimento e na proximidade social de ambos grupos, a coexistência inter-étnica, salvo casos pontuais ou excepcionais, está perpassada de preconceitos e interações negativas e contactos raros entre ambos grupos. A relação entre estes colectivos vizinhos no espaço territorial, cruzando-se nos mesmos espaços (ruas, cafés, supermercados), está marcada pela distância social e relacional assente em imagens estereotipadas do Outro, preconceitos e representações interétnicas negativas, é marcada por conflitos latentes e, por vezes, manifestos.

Palavras-chave: ciganos, estigma, imagens, estereótipos, preconceito, racismo





1. Introdução

Nos últimos anos a convivência entre ciganos e não ciganos em Portugal ganhou uma notoriedade pública particular, quando uma autoridade do estado – o governador civil de Braga – tomou uma atitude de defesa de uma comunidade cigana que estava em vias de ser expulsa de uma aldeia minhota¹. Este acto era excepcional, pois a atitude habitual do estado em Portugal e outros países tem-se pautado pela ausência de apoio a este colectivo, quando não é de perseguição aberta. Este acto esteve na génese de um estudo mais amplo sobre racismo e relações inter-étnicas no distrito de Braga, que incluiu este colectivo (Silva *et al.*, 2006). Deste trabalho foram retirados materiais para esta comunicação que se debruça sobre o contexto concreto de um bairro social de Guimarães, onde foram realojados portugueses ciganos e não ciganos, ambos em posições subordinadas – irmanados no desfavorecimento económico e na pobreza relativa. São ambas discriminadas. Benedict, no seu texto clássico sobre o racismo de 1942, afirma mesmo que “(...) a pobreza afasta tanto os grupos sociais quanto a cor da pele ou a forma das suas cabeças” (Benedict 1983:151). Porém, se os não ciganos pobres são discriminados socialmente na sociedade portuguesa, a discriminação face aos ciganos é distinta, porque são vistos como um grupo à parte de todos os outros, e tal reflecte-se no contexto local.

O objectivo do trabalho consistia em conhecer as implicações concretas da proximidade espacial para o convívio inter-étnico – isto é, se o mesmo traria modificações às atitudes marcadas pela tensão e pelo conflito existentes anteriormente. Como é sabido, as atitudes dos grupos estão ligadas a construções que eles próprios fazem do que eles são e do que são os outros, da sua identidade e da dos outros. Por isso, procurámos inquirir não só das práticas existentes – e nomeadamente das relações de vizinhança propiciadas pela proximidade em termos espaciais – como dessas construções sociais do Outro, que podem ser caracterizadas como representações, discursos, estereótipos ou imagens.

O espaço de que dispomos inviabiliza uma discussão teórica de conceitos pertinentes para este estudo, como os de representação social, estereótipo, preconceito, estigma, que provêm de distintas tradições teóricas e disciplinares e nenhum deles deixa de envolver sentidos diferenciados. Representação social designa “sistemas de valores, ideias e práticas com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que permite aos indivíduos orientar-se no mundo e controlá-lo, e, segundo, facilitar a comunicação entre os membros de uma comunidade fornecendo-lhes um código para nomear e classificar os vários aspectos do seu mundo e da sua história individual e de grupo” (Moscovici, 1973: XIII; cf igualmente Vala 2000). O conceito de estereótipo basicamente faz de qualquer membro individual do grupo o portador das características desse mesmo grupo, que é visto como um todo homogéneo (Billig, 2001: 217-220; Stangor, 1996: 628-633). Ora, esta situação articula-se com a existência de atitudes e ideias negativas dos membros de um grupo sobre outro que o conceito de preconceito procura denotar (Allport, 1954) e é parte de processos estigmatização, como referiu Goffman (1963), que neste caso atingem a minoria – os ciganos. No fundo, falamos de visões imaginadas, que sustentam práticas, que cada comunidade constrói da outra – imagens, representações, estereótipos que são co-estruturantes de formas discursivas e de práticas de discriminação. Por isso, seguimos aqui pragmaticamente e por ela possuir um carácter que se nos afigura abrangente, a via proposta por um eminente psicólogo social e estudioso do racismo, Gustav Jahoda. Este preferiu como conceito “imagens” por ter “(...) a vantagem de transportar uma gama de significados muita mais rica [do que o estereótipo], abrangendo não só percepções e representações mentais, mas igualmente, e de um modo particularmente importante, sentimentos” (Jahoda, 1999: 14). É disso exactamente que tratam os testemunhos recolhidos neste trabalho, carregados de emoção de uns e de outros. Para os explicar, temos de ter em conta a profundidade histórica em que estão sedimentados e para que ele também aponta. As relações inter-grupais neste bairro, embora moldadas pelo contexto de vizinhança, estão estruturadas por imagens e atitudes multiseculares que importa ter em conta e que constituem obstáculos à ultrapassagem do conflito.



Metódica e tecnicamente, foram aplicados neste bairro social 80 inquéritos a não ciganos (32,5% a homens e 67,5% a mulheres) e 14 (35,7% homens e 64,3% mulheres), se bem a respeito das representações foram privilegiadas a observação e sobretudo a entrevista, não incidindo, neste texto sobre relações de vizinhança, sobre outras dimensões demográficas e sócio-económicas. A população maioritária não teve qualquer problema em falar dos seus problemas, dos seus medos, daquilo que pensavam. Com os ciganos, a abordagem tornou-se mais difícil, não por falta de disponibilidade deles, mas porque, para eles, a própria inquiridora/entrevistadora não deixava de ser uma “gatché”ⁱⁱⁱ. Mesmo assim, foram entabuladas conversas muito interessantes com membros da etnia cigana, susceptíveis, até certo ponto, de compreender as suas atitudes e comportamentos e/ou simplesmente fornecer pistas para as causas explicativas destas tensões e conflitos, normalmente latentes, por vezes manifestos.

2. Imagens contrapostas no Bairro de Atougua em Guimarães

A fim de testar e avaliar as relações entre maioria e minoria foi seleccionado um bairro social em meio urbano – o de Atougua em Guimarãesⁱⁱⁱ – para, num plano mais microsociológico, analisarmos as auto e heterorepresentações, as formas de interacção e práticas de sociabilidade entre os dois grupos – o dito maioritário de portugueses não ciganos e o de portugueses ciganos. Trata-se de um bairro social, em que maioria e minoria são compostas por grupos sociais “remediados” ou com poucos recursos ou mesmo pobres, em termos relativos. Este olhar é tanto mais crucial e rico quanto permite mais facilmente dissecar e confrontar os tipos de interacções e relações por grupos etnicamente diferentes a viver ou, melhor, a coexistir no mesmo espaço habitacional e social, o que remete para a análise das relações de vizinhança entre ambos os grupos.

Os portugueses não ciganos atribuem aos ciganos características particularmente negativas. A população não cigana sobrevaloriza os aspectos negativos dos ciganos. São apontados como muito agressivos (62%), muito falsos/mentirosos (63%), maliciosos (63%), desonestos (32%). Contudo, são também tidos como alegres (58%) e unidos (90,7%) (cf. Anexo 1). A união dos ciganos é uma característica fortemente vincada. Os inquiridos admitem que a população cigana é bastante unida e lamentam o facto de tal “*não acontecer com a nossa raça*”. “*Eles juntam-se todos. Há união. Nós, se uma pessoa estiver mal, ninguém quer saber, as pessoas só querem saber da vida delas*” (doméstica, 36 anos). Contudo, tanto a união como a alegria, quando apontados como características associadas aos ciganos nem sempre são valorizadas positivamente. A alegria dos ciganos é associada às festas que não os deixam dormir, às reuniões familiares que perturbam a calma do bairro. A união torna os ciganos mais temíveis: “*Se lhes fizermos alguma coisa, estamos tramados! Cai-nos logo a família toda em cima*”. (operária, 38 anos)

No que toca às opiniões dos ciganos, a resposta que recolhe percentagens mais elevadas na maior parte dos atributos da sua caracterização dos “gatché” é “mais ou menos”, modo de evitar ser apontados como hostis. Os ciganos, não valorizando aspectos positivos da população maioritária, não enunciam de forma aberta aspectos negativos. Apenas quando se lhes pergunta se estes são racistas o “sim” supera o “mais ou menos” (78.6%).

Em contrapartida, quando olham para si próprios, existe uma forte afirmação de atributos, em regra positivos. Eles vêem-se como alegres (92,9%), intuitivos (92,9%), leais/amigos (85,7%), livres (78,6%), orgulhosos na sua raça (85,7%), protectores dos seus (92%) e respeitadores da tradição, também com 92%. A característica que recolhe maior unanimidade entre os ciganos é o respeito que têm pelos mais velhos (93%) (Anexo 1).

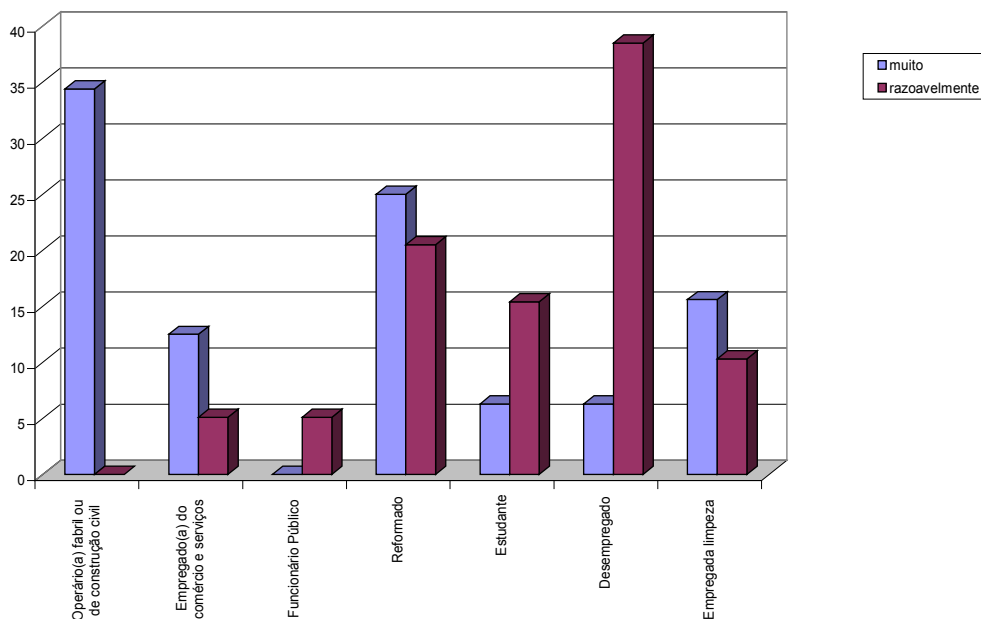
O bairro é composto por seis blocos, classificados de A a E, a Rua H e a Praça A. No bloco B e na Praça A não existe nenhuma família cigana, assistindo-se, portanto, a uma maior concentração de famílias ciganas nos blocos A, C e D.

**Quadro 1: Avaliação da agressividade dos ciganos por blocos (em %)**

“Ciganos agressivos”	Bloco						
	A	B	C	D	E	Rua H	Praça A
Muito	8,1	12,9	16,1	24,2	6,5	16,1	16,1
Razoavelmente	17,6	17,6	29,4	5,9	29,4	-	-
Total	10,0	13,8	18,8	21,3	11,3	12,5	12,5

Fonte: IPNCDB, Atouguia, 2003-04

A agressividade cigana é uma característica fortemente apontada pelos moradores em todos os blocos. Contudo, essa agressividade é apontada em maiores percentagens nos blocos C e D, onde existem mais famílias ciganas. Esta opinião parece estar relacionada com o facto de partilharem os mesmos espaços habitacionais comuns (escadas, galerias, etc) e se cruzarem no seu dia-a-dia, o que será uma fonte propiciadora de conflitos ou fortalecerá uma percepção de ameaça. Estas situações propiciam a atribuição de estereótipos, tal como o relativo à preguiça dos ciganos:

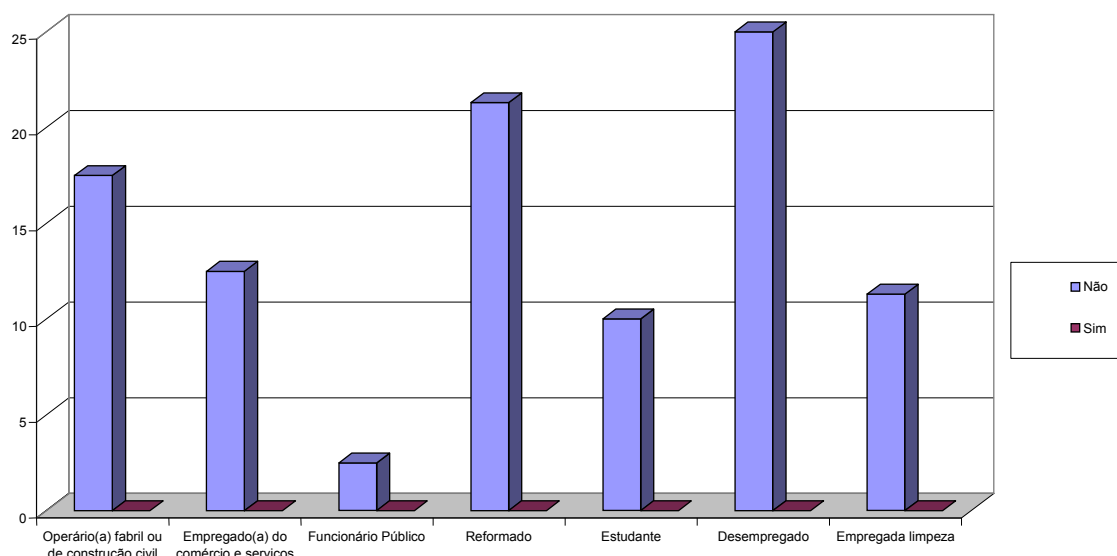
Gráfico 1: Grau de preguiça atribuída aos ciganos por não ciganos (por profissão e em %)

Fonte: ICNCDB, 2003-04

Salvo os não activos (desempregados e estudantes), os respondentes das várias profissões consideram os ciganos preguiçosos (82.5%), uma vez que não se regem pelos horários que eles consideram “normais”: *“Ninguém os vê a madrugar...Claro, às tantas da noite ainda se ouve barulho, a chegarem dos cafés e andarem sei lá bem onde...”* (operário, 42 anos). Acresce registar o facto de serem os operários e os empregados quem mais considera os ciganos como “muito preguiçosos”. Os demais grupos profissionais dispersam as suas respostas entre o “muito preguiçosos” e o “razoavelmente preguiçosos”, embora com predomínio do primeiro tipo de resposta. Esta imagem era reforçada quando se inquirim os não ciganos quanto à capacidade de trabalho ou vontade de trabalhar dos ciganos, como se vê pelo gráfico 2:



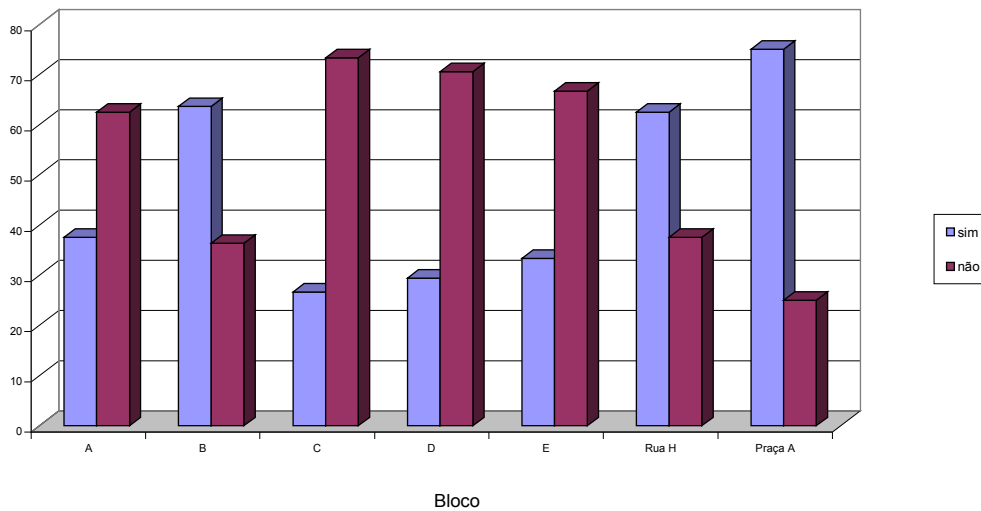
Gráfico 2: Capacidade/Vontade de trabalho dos ciganos vista por não ciganos (por profissão em %)



Fonte: ICNCDB, 2003-04

A grande parte dos inquiridos refere que os ciganos não são trabalhadores nem têm vontade de trabalhar. Encontramos aqui sinais de um antigo confronto entre *habitus* e ética de trabalho que separam radicalmente não ciganos de ciganos. Enquanto os primeiros revelam no seu comportamento e discurso ter interiorizado historicamente predisposições para o trabalho quotidiano – aquilo a que um Bourdieu chamaria “naturalização” – ligado à sua fixação territorial, porventura transferidas do sector agrário para a indústria ou para o terciário – e uma ética de vida no qual o trabalho aparece como um valor central, os segundos no quadro da economia e das ocupações da comunidade cigana, historicamente pautada pelo comércio itinerante, o trabalho é concebido não como um fim em si mesmo, mas mais como uma necessidade, um compromisso provisório em vista da sobrevivência mas permitindo-lhe uma certa mobilidade e uma relativa autonomia. Esforçam-se, como refere Liégeois (1989), por manter o controlo dos seus horários e dos seus ritmos de trabalho, mesmo que isso implique um baixo custo de rendimentos e de segurança. Logo, o facto de os ciganos reagirem mal aos horários fixos, à disciplina, à monotonia, de as suas vidas não estarem tão cronometradas e regulamentadas causa distanciamento e estranheza à comunidade maioritária, que interpreta o modo de vida cigano, segundo os seus valores e formas de pensar, ou seja, valorizando as actividades do seu endogrupo e inferiorizando as do grupo exógeno. Vêem os outros como estranhos à sua cultura, uma vez que estes “*pensam, sentem e agem de forma tida por não natural*” (Vala 1999:151).

Tendo agora em conta a distribuição dos blocos já acima delineada, verifica-se que na na Rua H, na Praça A e no Bloco B há menor convívio com ciganos, tal como se pode inferir pelas elevadas percentagens de contactos raros dos moradores destes blocos com os ciganos. A sociabilidade com os demais blocos e, em particular, com os ciganos é quase sempre superficial, cruzando-se apenas ou nas entradas dos prédios com uma simples saudação de “bom dia” ou “boa tarde” ou pela frequência das lojas e cafés do bairro sem que a mesma dê lugar a qualquer tipo de interacção. Tal é confirmado pelas respostas dos inquiridos à questão de saber se convidam para as suas casas membros da etnia cigana ou se são convidados estes para as suas. Atentemos no gráfico 3.

**Gráfico 3: Contactos dos não ciganos com ciganos (por bloco e em %)**

Fonte: ICNCDB, 2003-04

Tal como se pode ver, mais de 60% dos inquiridos da Praça A e do bloco B afirmam nunca ter convidado nem ter sido convidados para frequentar a casa de um cigano, não ultrapassando os contactos superficiais, casuais. Questionados os inquiridos se, em termos genéricos, têm boas relações de vizinhança, 50% afirmam que não, apontando como razões a falta de civismo e educação dos moradores (37,2%), seguido das razões culturais (12,8%). É de sublinhar serem precisamente os blocos C e D e E, onde ocorre uma maior concentração de famílias ciganas, que congregam um maior número de moradores a afirmarem ter más relações de vizinhança – a que não é estranha a presença ainda mais próxima dos ciganos. Outros, porém, afirmam ter boas relações de vizinhança, mas mantêm atitudes de evitamento, aliás bem presente em médias e sobretudo grandes cidades metropolitanas. Também aqui se trata de resguardar a intimidade própria, o que aliás ocorre não só com os ciganos, como com os demais vizinhos: *“Para podermos viver bem aqui no bairro, não devemos dar confiança a ninguém. Cada um que se meta na sua vida!”* As pessoas procuram, deste modo, não criar laços mais profundos com os vizinhos: *“Eu saio de manhã, entro à tarde em casa e só saio no dia seguinte de manhã outra vez... Não convivo, não vou para o café, não vou a lado nenhum”* (empregada de limpeza, 36 anos).

Estas formas de reserva são susceptíveis de desembocar não só em fracas relações de sociabilidade como dificultam ou impedem a concordância sobre a organização de diversas tarefas ou a gestão eficaz dos condomínios. Mais, verifica-se um certo descuido do aspecto físico dos corredores, marcados por diferentes retalhos de azulejos em frente a cada entrada, há escadas de prédios cheias de lixo, pois não há consenso sobre quem limpa e quem trata dos diversos assuntos inerentes a uma organização de condomínio, tal como desabafa uma das moradoras do bloco B, onde de resto não há nenhuma família cigana:

“Eu cheguei a fazer limpeza aos prédios e a pedir, porta a porta, o dinheiro, mas quando eu fazia a limpeza, ninguém pagava... Era muito melhor as pessoas pagarem um condomínio, assim sabíamos que as coisas ficavam em condições, assim aquele prédio nunca está em condições. É a pior entrada do prédio, pior que a entrada dos ciganos” (cozinheira, 38 anos),

Quando se inquerem especificamente os não ciganos sobre o tipo de relacionamento com os ciganos, todos afirmam que se dão *“mais ou menos bem”* e o que não querem é ter confusões com eles. Havia nas respostas dos inquiridos a manifestação de um receio, de modo ora implícito ora explícito e, portanto, a necessidade de evitar qualquer conflito. Para isso, o melhor método afigura-se ser uma atitude de reserva e não entrar em familiaridade com os ciganos. Por outras palavras, se não há aproximação, mantêm-se



tensões mas, em regra, não há conflitos directos, nem desavenças com os ciganos, ainda que não lhes agradem certos modos ou estilos de vida. Por exemplo, mesmo não simpatizando com os ciganos, não gostando do modo como eles vivem, das suas “músicas altas”, dos “gritos e dos tiros” – como referem – não têm coragem para manifestar directa e abertamente esta antipatia ou discordância por medo de represálias fortes ou “simples chatices”:

“Eles não são umas pessoas que saibam lidar connosco. É por isso que eu digo, a gente se os vir por aí, foge logo! Não tentamos relacionar, nem dar bem com eles, nem quero!” (doméstica, 46 anos).

Como esta mulher, foram vários os moradores que, embora tendo vontade de os afrontar, inibem-se por receios de complicações futuras e intranquilidade no seu futuro:

“O que é que podemos fazer? Se fosse gente da nossa raça, nós falávamos com eles, ou chamávamos a polícia... Agora assim, se eles descobrem, não temos sossego o resto das nossas vidas!” (electricista, 41 anos).

Uma das situações mais perturbadoras da tranquilidade dos vizinhos é o facto de se ouvirem “gritos” e “tiros” entre os próprios ciganos, como o referiu uma moradora que mostrou mais apreensão pelo medo que tal causava no seu filho:

“Às vezes estamos na cama e são duas da manhã e é tiroteio velho, mas é entre eles... Com os outros não se metem... O meu filho de oito anos quando ouve tiros, vem logo bater à porta do meu quarto porque tem medo!” (empregada de limpeza, 36 anos).

A maioria das pessoas comenta que esta situação já foi pior, sobretudo no início, embora não deixe de lamentar a decisão camarária de instalar ciganos naquele bairro:

“Ai, foi um crime tão grande os ciganos virem para aqui... É um horror! No início era um horror! Os meus filhos iam para a escola, levavam o lanchinho, os livrinhos e os filhos dos ciganos destruíam tudo! Eu tinha que ir todos os dias à escola porque os meus filhos chegavam a casa sempre a chorar!” (desempregada, 44 anos).

Uma outra moradora de um bloco onde existe uma comunidade cigana “galega”^{iv} dizia-nos que nem às crianças podiam chamar a atenção:

“Elas são malcriadas e os familiares defendem-nas. Eu detesto morar aqui, não há amizades com ninguém... Ouvimos tiros, berros, música alta, agressões entre ciganos e temos que estar calados” (doméstica, 44 anos).

Um morador de um prédio onde não existe nenhuma família cigana, afirmava que com os ciganos tinham que lidar de maneira diferente:

“Por exemplo, o cigano que vive em frente à minha casa estaciona sempre a carrinha num lugar deste largo. Ora, o lugar é público, não pertence a ninguém. No outro dia, o meu vizinho de baixo estacionou lá o carro. Tinha que ver a confusão! Eles pensam que têm direito a tudo! Às vezes acho que eles se aproveitam do nosso medo^v...” (funcionário público, 39 anos).



Há, porém, moradores que relativizam estas situações de confronto ou confusão, afirmando que os ciganos não criam problemas, desde que os que estão de fora não se metam com eles: *“Eles não começam a disparar e a agredir as pessoas ao acaso”*. Ou, como dizia uma moradora, doméstica, de 53 anos: *“Eles vivem no cantinho deles, ajudam-se mutuamente. Às vezes sai um tiro de um lado ou de outro, mas os conflitos são mais entre eles!”*

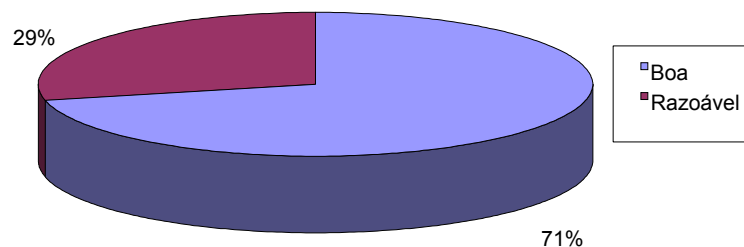
Numa entrada problemática do bloco D, os moradores acabaram por conseguir recentemente organizar um condomínio^{vi}, o que implicou a obrigação de todos pagarem uma quota, ao mesmo tempo que cada um, de modo alternado, se responsabilizaria pela limpeza do prédio.^{vii} Na entrada deste bloco uma moradora, doméstica, de 48 anos, afirmava a incompatibilidade de modos de viver entre ciganos e não ciganos, que comportava conflito e mal-estar, aproveitando para contar o seguinte episódio:

“O meu marido andava a pintar a nossa porta de entrada, um miúdo cigano passou e sujou a porta. O meu marido chamou-lhe a atenção, mas no dia seguinte o tio veio aqui ameaçar-nos! Sabe, eu só sou feliz da minha porta para dentro!”

Segundo os moradores, o facto de o bairro ter ciganos contribui para lhe conferir uma imagem negativa. É curioso notar que o Bairro da Atougua é apelidado como o “bairro dos ciganos”, quando apenas existem cerca de 14 famílias ciganas, somando no total cerca de 140 indivíduos, num bairro com cerca de 2000 habitantes. Tal como se passa na sociedade portuguesa, evidencia-se aqui também o contraste existente entre a sua fraca visibilidade demográfica e a sua forte visibilidade étnica e social (Pinto, 2001). O facto de ser considerado “desprestigiante” viver num bairro com ciganos pode explicar certas atitudes e comportamentos adoptados pelos moradores. Por exemplo, contrariamente ao percebido pela observação do investigador, não ciganos no bloco B, a fim de valorizar a imagem do seu bloco/bairro, negavam a presença de ciganos como vizinhos, pois a estereotipada e arraigada imagem dos ciganos possui o alegado efeito de desvalorizar o bairro e os seus habitantes não ciganos.

No que concerne as opiniões dos ciganos quanto à sua relação sobre os “gachés”, as respostas convencionais distribuíram-se entre “razoável” e “boa”, predominando de longe esta última, tal como se pode ver pelo gráfico 4:

Gráfico 4: Inquiridos ciganos sobre a sua relação com os vizinhos “gatché” (em %)



Fonte: ICCDB, 2003-04

Com efeito, 71% afirmam que têm uma “boa relação” de vizinhança com os “gaché” e 28,6% razoável. Porém, segundo a assistente de pesquisa, as respostas eram mais de conveniência face ao interlocutor, pois, para além da constatação de relações inter-étnicas tensas e não raro conflituosas, nomeadamente durante o trabalho de campo, o tom de voz, as expressões faciais e o fechamento que os ciganos inquiridos/entrevistados revelavam eram bem denotativos do contrário e, por isso, podia observar-se que não se sentiam à vontade para falar sobre esse assunto. Já, porém, em relação aos demais ciganos, os



respondentes ciganos que sustentam, de modo mais peremptório, ter boas relações entre si elevam-se para 86%, sendo rotuladas como “indiferentes” pelos restantes 14%.

Embora nas palavras da esmagadora maioria dos inquiridos não ciganos, as apreciações sobre os ciganos fossem negativas e depreciativas, ressaltavam sempre um indivíduo – o Sr. G., tal como ocorrera noutros contextos e comunidades, nomeadamente a de Oleiros: “Os ciganos são todos uma raça que a gente não se pode dar com eles... Menos o Sr. G.” “O Sr. G. é um homem 100%, nem parece cigano!”

Na altura em que o Sr. G. nos recebeu, estava a jantar. Atendeu a esposa e foi a única pessoa cigana, de todos os respondentes ciganos, que nos convidou a entrar em sua casa, começando por dizer:

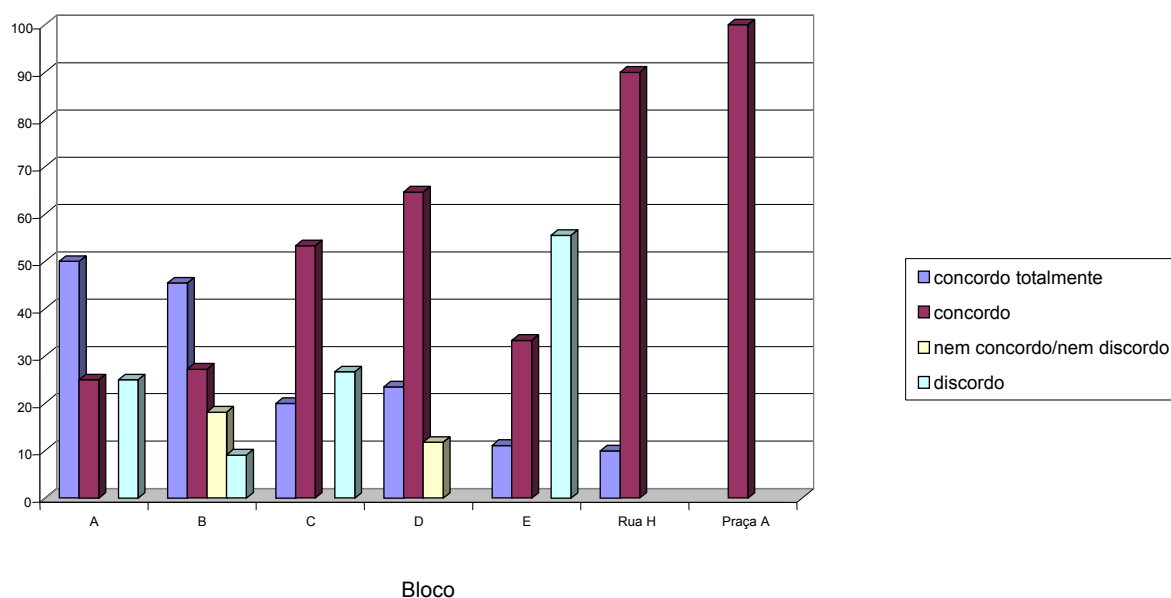
“Aqui ninguém tem nada a dizer de nós! Nada. Não nos metemos na vida de ninguém. Ora, sei bem que os ciganos não são todos assim. Ouve-se e vê-se por aí muita coisa... Anda aí muita droga e alguns ciganos metem-se nisso... Mas aqui no bairro, cumprimento toda a gente, mas nada de confianças, menina! Aqui no bairro, damo-nos bem com a vizinha do lado, que faz connosco a feira aos sábados, e com o meu filho, que vive do outro lado.” (mulher, feirante, 57 anos)

Numa outra entrevista, uma cigana, moradora do Bloco D, dizia que sempre se relacionou bem, com ciganos e não ciganos:

“Quando está bom tempo, sento-me cá fora a falar com as minhas vizinhas ou vou até ao café. Agora levar gente para dentro de casa, é que não. Entrar em casa é dar muitas confianças... Eu gosto de estar cá fora a conviver”.

Por fim, uma outra mulher cigana afirmava que se dava muito bem com as suas vizinhas. “Olhe, eu até vou mudar de casa e as minhas vizinhas já me disseram que andam todas tristes”. (mulher, doméstica, 32 anos). No que se refere à desirabilidade por parte do grupo maioritário de ter ciganos como vizinhos, as respostas são elucidativas (gráfico 5).

Gráfico 5: Opinião dos não ciganos sobre a afirmação “ninguém quer ciganos como vizinhos” por bloco (em %)



Fonte: ICNCDB, 2003-04



A frase “ninguém quer ciganos como vizinhos” colhe 74,4% de concordância e, por isso, eles deveriam viver num bairro à parte. Tal como mostra o gráfico 5, todos os inquiridos da Rua H, onde apenas há uma família cigana e os da Praça A, onde não há ciganos como vizinhos, os quais são considerados presença indesejável. Nos restantes blocos, os valores também são bastante elevados, destacando-se 88,2% no bloco D, onde os conflitos entre ciganos e não ciganos estão mais presentes, surgindo embora um número bastante inferior no bloco E, onde apenas existe uma família cigana.

Aproximadamente 84% dos inquiridos afirma nunca ter convidado nem ter sido convidado para frequentar a casa de um cigano, não ultrapassando o convívio os encontros casuais. Predominam os desencontros e as fricções relacionadas com a organização e gestão das zonas comuns: há entradas onde foi impossível organizar condomínios, por não haver concordância entre os vizinhos sobre as várias tarefas a organizar; desorganização quanto aspecto físico dos corredores, marcados por diferentes retalhos de azulejos em frente a cada entrada; há lixo nas escadas dos prédios por não haver consenso sobre a responsabilidade pela limpeza, e em geral sobre quem trata dos diversos assuntos inerentes a uma organização de condomínio.

Nos blocos onde existem ciganos, apesar da percentagem dos que *não querem ciganos como vizinhos* permanecer elevada, também existem moradores que discordam de tal afirmação. Logo, apesar de, para a maioria, o convívio directo com ciganos não ser compensador e gerar conflitos, também há moradores que têm um contacto mais próximo com ciganos, tendo essa proximidade produzido efeitos positivos no sentido da convivência inter-étnica, o que os leva a discordar daquela afirmação. Este dado é significativo no sentido de retirar a ilação de que quando o desconhecido, o diferente se vai conhecendo e dando a conhecer, os preconceitos ou estereótipos se vão desfazendo e esboroando.

Analisando as respostas em torno da afirmação “ninguém quer ciganos como vizinhos”, elas revelam que a esmagadora opinião das pessoas é favorável à proposta segregacionista de que os ciganos deveriam viver num bairro aparte:

“Até acho que deveria ser mais favorável para eles e para as outras pessoas. Se eles vivessem num bairro à parte podiam ter as coisas deles em condições... Acho que eles deviam estar colocados mais unidos, as casas deles mais juntas para estarem em contacto uns com os outros.”
“Num bairro só para eles, eles lá se “coisavam” com eles, se se quisessem matar matavam-se, a gente pelo menos não via...” (costureira, 52 anos).

Quando, porém, eram confrontados com a réplica de que a segregação não seria consentânea com as regras duma sociedade democrática e aberta, então nesse caso, 76,8% dos inquiridos achavam que os ciganos deveriam ser “*obrigados a viver como as pessoas ao pé de quem vivem*”, ou seja, respeitar os outros, cuidar dos espaços comuns, não fazer barulhos e sujeitar-se às regras e valores da maioria não cigana.

Quer nesta última eventualidade, que aponta para uma via de ‘solução’ no sentido assimilacionista, quer na anterior claramente segregacionista, os dados verificados vêm de encontro à tese de autores como Bierbrauer e Pederson (*in* Vala 1999:151)^{viii} segundo a qual, perante o contacto e eventual confronto entre diferentes etnias e respectivas culturas, emerge a tendência, por parte da etnia ou cultura dominante, para, senão segregar, pelo menos subjugar a minoritária, de modo que esta se pautar pelos padrões da maioritária, para cuja explicação o modelo sustentado por Bader (1991, 2005, 2007) nos parece adequado.

Face ao posicionamento maioritário dos autóctones residentes não ciganos, torna-se necessário saber como é que o grupo minoritário dos ciganos encara a proposta de viverem à parte, segregados num bairro próprio. Foi possível concluir que a grande maioria discorda desta proposta, sendo de relevar, entre outros, alguns testemunhos ou desabafos: “*Viver aparte? Não, nada disso. Eu gostava de ter uma casa com espaços verdes para viver a minha velhice... Mas que não fosse só para ciganos.*” E um outro, já reformado:



“É melhor viver com pessoas não ciganas, assim convivemos com pessoas diferentes” (homem, 65 anos), no que é secundado logo por uma mulher cigana: *“Deus me livre, não gostava nada.”*

É certo que, no caso do bairro de Atouguaia, grande parte dos ciganos admite também que não gosta de viver neste bairro, mas aponta como principal motivo de descontentamento as casas e sobretudo o ambiente que ali se criou e a hostilidade de que são alvo. Tal significa que os ciganos sentem-se mal e alvo de estereótipos. Há, porém, exceções – três famílias – que se revelaram de alguma relevância na medida em que assinalam o facto de alguns ciganos insistirem na ausência de conflitos e na existência de convivência com não ciganos, ao mesmo tempo que se demarcam de outros tidos como mais arraigados às tradições, nomeadamente os ‘galegos’. Quando interpelado como se relacionava com os vizinhos não ciganos, um cigano de 60 anos respondeu:

“Damo-nos todos muito bem. Pode perguntar aos meus vizinhos. Não arranjam conflitos. Com os outros ciganos também nos damos bem, só não queremos conversas com os do outro lado (os galegos).”

Tendo presente as atitudes, as representações e os comportamentos, maioritariamente negativos de que são objecto os ciganos, os residentes (autóctones) foram questionados acerca da sua posição em matérias de discriminação racial. A maioria dos inquiridos afirmou: *“Eu não sou racista”*. Porém, é notável que 48% considere que *“por vezes a discriminação racial é justificada”*. Mais, quando questionados sobre se há “ciganos a mais” em Portugal, 54% dos inquiridos “concordam” com esta afirmação e inclusive 19% “concordam totalmente”. Estes dados permitem concluir que, apesar de os inquiridos, numa elevada percentagem, terem “jurado” não ser racistas e não se verem como tal, justificam a discriminação racial, entre outras alegações, porque *“simplesmente os ciganos abusam e são eles que fazem por serem discriminados”*.

Uma percentagem elevadíssima - 93% - dos membros da comunidade cigana afirmaram ter sido vítimas de discriminação racial por parte de pessoas ou instituições. A discriminação no acesso ao emprego foi uma das mais referidas pelos indivíduos ciganos (21,4%), tal como o afirma uma jovem cigana de 19 anos, que ajuda os pais nas feiras, porque não vê outra alternativa: *“Eu gostava de fazer outra coisa, mas não posso fazer nada. Além de não ter estudos, as pessoas não aceitam os ciganos para trabalhar, têm medo”*. Uma outra mulher cigana entrevistada, que frequentou um curso de formação de Auxiliar de Serviços Gerais, no âmbito do programa Inserção-Emprego, dirigido a beneficiários do Rendimento Social de Inserção (RSI) tem-se deparado com recusas de emprego: *“Ainda na semana passada, tentei um emprego para passar a ferro. Mas quando a senhora soube que eu era cigana não me aceitou. Não consigo arranjar trabalho! Ninguém me dá trabalho!”* (cigana desempregada, 30 anos). Parece haver, deste modo, sinais, por parte de jovens ciganos, de vontade de aceder a ocupações modestas e regulares, controladas pelo grupo maioritário, mas bloqueados por barreiras de discriminação.

Seja porque considerem que os ciganos não querem trabalhar, ou por terem consciência que “ninguém lhes dá trabalho”, os moradores não encaram os ciganos como um grupo concorrente no mercado de trabalho. Quando inquiridos a respeito de saber se “os ciganos tiram trabalho” aos portugueses, 100% discordam desta afirmação. *“Eles não querem trabalhar, só pensam no Rendimento Mínimo”*, foi uma frase proferida vezes sem conta durante as entrevistas.

Logo, se estes não são vistos como concorrentes relativamente a um posto de trabalho, já o são quando falamos do Rendimento Social de Inserção (RSI). Quando, em entrevista foram questionados sobre o que pensavam da atribuição do RSI à população cigana, as respostas foram unânimes. *“Acho isso muito mal, sabe porquê? Em primeiro lugar, eles nunca foram cidadãos, nunca deram a ganhar um tostão ao Estado. Em segundo lugar, entram por aí, pelo país a forte e feio, acampam numa barraca para depois terem todos os direitos: dão-lhes casa, subsídios elevados porque eu sei, até lhes dão electrodomésticos, enquanto um cidadão aqui não tem direitos nenhuns...”* (costureira, 52 anos). A situação dos ciganos é constantemente



comparada à de cada um. Segundo os inquiridos, eles são falsos/mentirosos (92%) e fazem tudo para receberem os apoios do Estado – *“Eu não sei quais são os argumentos que eles dão para conseguirem subsídios inteiros!”* - ou então declaram: *“se formos nós a ir à Segurança Social para sermos atendidas é aos berros! Se for um cigano é logo atendido, têm-lhes medo... Aliás, é diferente se for um cigano ou um drogado”* (cozinheira, 36 anos).

As pessoas consideram existir desigualdade de tratamento por parte do Estado em relação a elas e aos ciganos:

“Eu concordo que ajudem os ciganos, mas também que ajudem o cidadão português que é filho da pátria. (...) Por exemplo, a menina é solteira, mas se fosse casada e tivesse filhos, era o mesmo que os meus filhos entrassem pela porta dentro de sua casa, e você queria dar de comer aos seus filhos, e imagine que tinha de dividir pelos meus... É a mesma situação, se o governo não pode dar aos nossos, não os deixem entrar por aqui dentro!” (costureira, 52 anos).

Este tema é abordado cruamente. Aqui não há lugar para artificialismos ou subtilezas. Refira-se igualmente que se convoca aqui a identidade nacional – ser-se “filho da pátria” e a cidadania – para incluir (a maioria) e para excluir (os ciganos), algo que se verifica em outros contextos (Sobral 2007). Vale a pena referir que diariamente não ciganos se dirigem ao Gabinete Técnico, e fazem, de forma espontânea, comentários como o destes entrevistados. Dos moradores entrevistados, apenas um admite que os ciganos dão um uso adequado ao dinheiro, mas o RSI não aparece, aos olhos dos entrevistados, como solução para ajudar os ciganos a integrarem-se:

“Não, não! Não é o Rendimento Mínimo que vai ajudar alguém. Devia haver um estudo mais forte. Saber se são feirantes ou não, haver mais fiscalização”. “Devia era haver trabalho para eles, porem-nos a trabalhar, porque andamos nós a descontar para eles” (operária, 41 anos).

Estamos portanto, num contexto em que o desemprego, o trabalho operário, a instabilidade laboral dominam a vida destas pessoas. A vida de cada um é constantemente avaliada, caracterizada em comparação com a dos outros. Nos questionários e entrevistas realizadas, constantemente as pessoas se referiam aos outros, àquilo que os outros têm, àquilo que os outros recebem, se os outros se levantam cedo para trabalhar ou não. Se constantemente as pessoas não ciganas se comparam umas às outras, quando o assunto é os ciganos maior é o fosso existente. O facto de, na percepção da maioria, eles não estarem integrarem num mundo dominado pela condição geral de assalariado que é a dela, e não sendo, portanto, submetidos a “descontos”, retirar-lhes-ia legitimidade para receber o subsídio estatal.

O *“ódio de estimação”* da população maioritária em relação aos ciganos sustenta-se no facto de eles *“fazerem aquilo que querem”*, sem se esforçarem para se integrar na sociedade (ao contrário deles, pressupõe-se). Os ciganos, neste entendimento, vivem à margem da (boa) sociedade, vendem material contrafeito, *“associam-se ao tráfico de droga”*, *“não pagam impostos”* e *“ainda por cima recebem Rendimento Mínimo”*.

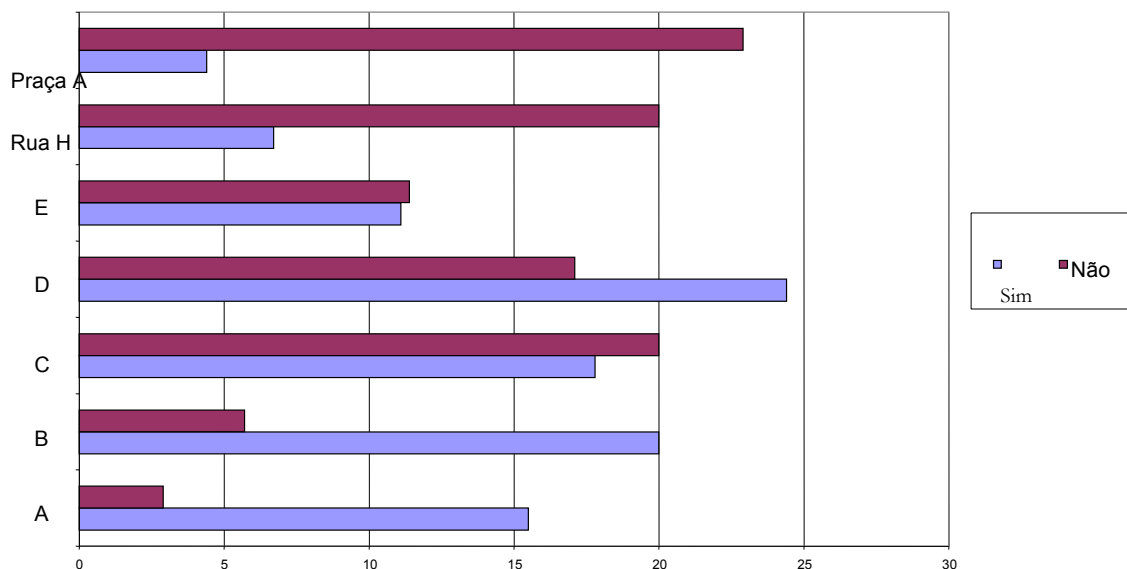
A população maioritária responsabiliza a comunidade cigana pelas suas condições de vida. A maioria responde que se os *“ciganos vivem na miséria é porque gostam de viver assim”* (51,2%). *“Não vê nos acampamentos os brutos carros que eles têm? Por que é que eles não vendem os carros e compram uma casa?”*, perguntava um jovem desempregado. Ainda relativamente a esta questão, a maioria afirma que os ciganos vivem melhor que eles:

“Eles vivem melhor porque a nós ninguém nos dá nada... Eu ando aqui doente das minhas costas, sabe Deus o que me custa andar, e vou fazer limpezas, trabalho num restaurante, nem tempo tenho para ver os meus filhos... A vida para nós não é fácil...!” (cozinheira, 37 anos).



É de notar o modo fácil e expedito como o exogrupo dos ciganos é visto como homogéneo. Frases como estas foram ouvidas repetidamente ao longo do período de estudo: *“Eles são todos uns mafiosos”, “Eles não prestam”, “Deviam sair todos daqui para fora”*. Allport (in Vala, 1999) refere que o grupo é considerado tanto mais homogéneo quanto menor for o contacto físico com o exogrupo. Mesmo num contexto de um contacto mais estreito, o cigano continua a ser definido a partir de uma imagem estereotipada, como membro de um grupo homogéneo, atendendo muito raramente a diversificações e variações.

Gráfico 6: Inquiridos que conhecem algum costume ou tradição dos ciganos por bloco em %



Fonte: ICNCDB, 2003-04

Do total de inquiridos, mais de metade (56,3%) afirma conhecer os costumes e tradições ciganos. Desses 56,3% os moradores do bloco D – bloco onde existem mais ciganos – conhecem, em maior número, costumes e tradições ciganas, afirmando a maior parte que obteve conhecimento através do contacto com ciganos. Os moradores da Praça A e Rua H são que mais afirma desconhecer os costumes e tradições ciganas. O facto de não viverem ciganos nesses blocos e os moradores não sentirem interesse pela cultura cigana estará na base desse desconhecimento.

As danças são a característica da cultura cigana que mais chama a atenção dos inquiridos (35%) – uma cultura em relação à qual 33,3% afirma que “nada me desperta interesse”. Não ha fascínio pela cultura cigana, havendo quem assevere existir distinção entre o modo como ela é representada nos media e como pode ser percebida directamente: *“É muito bonito ver tudo nos filmes e nas telenovelas, mas acredite que na realidade as coisas são diferentes”* (reformada, 67 anos).

A frequência da escola é um elemento colectivo da socialização e da trajetória da maioria da população, que a diferencia, sobretudo nas últimas décadas em que a escolarização se ampliou, da população cigana. Inquiridos sobre os motivos dos ciganos não frequentarem a escola, a causa mais apontada era que ela *“não faz parte da sua cultura”* (43,8%), seguida de *“os pais não dão valor à escola”* (42,5%). Logo, é um problema dado como inerente à “cultura” cigana – numa concepção “essencialista” de cultura, a de valores (marcados pela imutabilidade) que pautam (inexoravelmente) a sua vida. Ouviram-se repetidamente comentários do teor do seguinte: *“Os meninos não sabem estar na escola, eles não gostam”*. As razões são de ordem bem distinta – relacionais, ligadas a constrangimentos em matéria de trabalho - quando se trata de assinalar causas para o insucesso escolar no colectivo maioritário: *“Sabe como é, alguns perdem-*

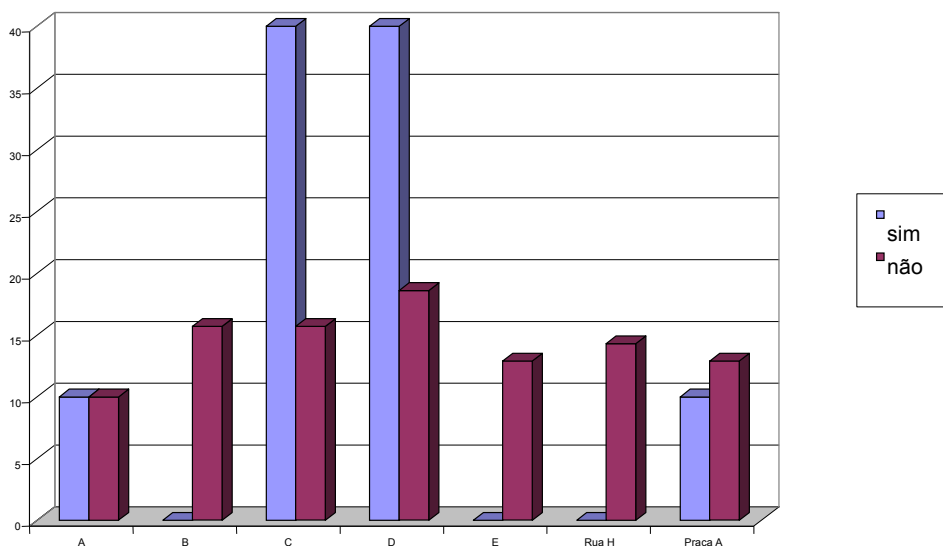


se, as companhias estragam tudo” ou então referem-se à necessidade que os próprios filhos tiveram de trabalhar para sustentarem a família” (doméstica, 40 anos).

O nível educativo da população cigana é muito baixo e por certo mais baixo que em qualquer outro grupo social de semelhante dimensão e composição. Haverá dimensões da cultura que importa não essencializar – retirando-a do contexto e da história –, como o facto de a escola, na óptica dos ciganos com mais idade, não lhes ensinar os valores próprios dos ciganos e de recusa da própria autoridade instituída na instituição escolar. Note-se que para a população maioritária com menores capitais – aquela que está em contacto com os ciganos e que constitui uma fonte de informação para eles – só nas últimas décadas, com a expansão do sistema educativo, é que a escolarização se tornou fundamental; por isso a percepção da sua relevância seria sempre menor da parte de um colectivo submetido a processos fortíssimos de exclusão. Contudo, é de salientar que hoje existem casos de famílias ciganas neste bairro que valorizam cada vez mais a escola e vêem a educação como uma forma de promoção social, o que é constado noutras comunidades ciganas sobretudo urbanas, facto aliás também sublinhado por Casanova (2006).

Um aspecto importante nas relações entre ciganos e não ciganos, diz respeito ao sentimento de medo dos últimos face aos primeiros, que radica na sua percepção de uma maior propensão à resolução de conflitos pela violência pelos ciganos. Deste modo 47% dos inquiridos sente medo quando passa ciganos na rua, na mesma entrada do complexo do bairro. De um modo geral, a frequência das experiências negativas com ciganos dá-se nos locais onde há maior coexistência entre uns e outros – Blocos C e D - e menor ou inexistente tende a ser nos sítios onde ela é menor – como no Bloco B, onde não reside qualquer família cigana). Veja-se que existe sintonia com a avaliação da agressividade dos ciganos (atrás referenciada, no Quadro 2).

Gráfico 7: Inquiridos por experiências negativas com ciganos em %



Fonte: ICNCDB, 2003-04

O receio de represálias, sentido por portugueses não ciganos, por parte dos ciganos, é bem visível. Alguns dos inquiridos, ao responderem ao questionário nas questões relacionadas com os ciganos, advertiam amiúde: “Veja lá, eles que não saibam que eu disse isso!”. Uma das inquiridas relatou:

“A casa ao lado da minha ficou uns tempos sem ninguém porque os senhores que moravam aqui foram para outro lado. Olhe, uns ciganos arrombaram a porta e foram viver para lá. Não imagina o horror! Faziam barulho até altas horas da madrugada e ameaçavam-nos. Um dia alguém (ainda



não sei quem) chamou a polícia. Não imagina, eu tive quase de me ajoelhar e dizer que não tinha sido eu a uma cigana. Ela queria bater-me!” (reformada, 57 anos).

Ao Gabinete de Apoio apareceu um senhor, queixando-se que um cigano queria matá-lo e aos filhos. “*Não sei o que fazer, não sei porque pegaram comigo. E o pior, é que tendo problemas com um, tem-se com eles todos!*” (operário, 37 anos). Depois de ele ter desabafado, os membros da equipa aconselharam-nos a ir à polícia apresentar queixa, ao que ele replicou: “*O quê? Para quê? A polícia parece que também lhes tem medo. Não adianta nada. As outras pessoas são presas, mas os ciganos não... E se eles sabem que fazemos queixa, ainda pior!*”. Segundo os moradores, os conflitos não ficam só pelo bairro e envolvem os cafés circundantes:

“O meu filho diz-me muitas vezes que fulano cigano foi para o café fazer barulho e o dono do café foi obrigado a fechar. Eu digo sempre ao meu filho, quando vires que as coisas estão mal, foge, tu não te metas com eles. O meu filho diz que eles têm facas e armas... Mas tanto eu como os meus filhos e o meu marido, temo-lhes medo!” (empregada do comércio, 33 anos).

Em entrevista a alguns ciganos foi colocada a questão de saber por que é que as pessoas tinham tanto medo em relacionar-se com eles.

“Olhe que minha nova vizinha sempre que vem falar comigo traz os filhos. E no outro dia comentou com outra que se eu lhe caísse em cima, a esmagava (risos). E sabe, ela ainda por cima, é maior que eu...“Só por ser cigana as pessoas têm medo de nós, e ao mesmo tempo atribuem-nos a culpa de tudo” (cigana doméstica, 32 anos).

Um cigano com mais de 65 anos explicava:

“Os ciganos antigamente faziam roubos, eram conhecidos por roubar e por fazerem asneiras. Acho que essa ideia vai acabar por desaparecer. A maioria dos ciganos não fazem dessas coisas, levam a vida como deve ser!”

Uma moradora dava a “fórmula” para lidar com os ciganos:

“Eles no fundo são pessoas como nós. Repare que se um cigano ou cigana me vier ameaçar e se uma pessoa se agachar, eles ultrapassam-me. Mas se a pessoa lhe “cantar” mesmo a sério, eles já não sentem que têm o poder todo. Eles utilizam esse poder para fazer bravuras” (costureira, 52 anos).

3. Conclusão

A proximidade espacial instituída no bairro não apaga o conflito entre ciganos e não ciganos, apesar de haver alguns contactos entre ambos. O facto de se tratar de algo recente, impede-nos de retirar ilações seguras quanto aos seus possíveis efeitos. Para já, aparece sobretudo associado a situações conflituosas, por vezes manifestas, mas, em regra, latentes.

A análise dos dados recolhidos permite concluir pela existência de práticas discriminatórias face aos ciganos assentes numa imagem destes que os apresentam como diferentes da maioria. São raríssimos e quase inexistentes os elementos dessa imagem que se apresentam como positivos. Só verdadeiramente a constatação da sua coesão – “união” - parece suscitar um consenso positivo. De resto, surgem como o



contrário da população maioritária, um Outro próximo que parece encarnar o contrário da sua auto-imagem. Estas imagens não são apenas o produto de circunstâncias presentes num local específico que é o deste bairro e numa determinada temporalidade, que é a do presente. Devem ser entendidas como o produto de uma longa coexistência de colectivos separados, um dos quais, os ciganos, vítima frequente de medidas de expulsão, como as registadas em Portugal ou mesmo de tentativas de extermínio (como no caso do nazismo). Para entender a situação actual é necessário ter em consideração que estamos a lidar com processos de longa duração a vários níveis. Ao nível económico e social, onde os ciganos têm aparecido com uma posição sempre periférica e subordinada em relação à maioria, hoje porventura ainda mais fragilizada com a crise do comércio itinerante. E a nível das culturas de grupo, onde o seu modo de viver, *habitus*, valores, é diferente do da maioria – ou, pelo menos, com a imagem que esta constrói de si mesma.

A maioria, formada pelos não ciganos, ressent-se da sua vizinhança, sente-se claramente parte *natural* do todo que é a sociedade portuguesa. Na conhecida dicotomia discernida no estudo clássico de Elias e Scotson (1969), eles são os *estabelecidos* – os “filhos da pátria” na sua expressão de um deles – e os outros os *forasteiros*, dicotomia que remete para uma segregação que persiste há séculos. Além disso, são considerados como um todo que tende a ser tratado como algo homogéneo – embora, como vimos, se tenha em conta a existência de variações individuais, e mesmo de convívio entre ambas as comunidades – um colectivo com qualidades próprias (negativas) que se transmitem pela pertença hereditária. Estas considerações configuram uma atitude racista (Isaac, 2004: 34-35).

As imagens dos ciganos referem-se com regularidade e sistematicidade às exclusões de que são vítimas, condutoras de situações de desemprego e, pelo facto de lhes recusarem as ocupações (humildes) a que tem acesso a maioria, acabarão por os confinar a modos de vida que lhes são tradicionais – como o comércio itinerante – marcados por uma crise profunda e que contribuem para os manter segregados da maioria. Os ciganos ressentem-se desta situação e, de um modo revelador, quando questionados sobre os atributos da maioria, distinguem o racismo como o mais forte.

Referências

Fontes

ICNCDB - Inquérito aos cidadãos não ciganos do distrito de Braga

ICCDB - Inquérito às comunidades ciganas do distrito de Bragat

IGAPHE – Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado.

Bibliografia

ALLPORT, Gordon (1954), *The Nature of Prejudice*, Reading, MA: Addison-Wesley.

BADER, Veit M. (1991), *Collectief Handelen*, Groningen:Wolters-Noordhoff.

BADER, Veit M. [2007 (1995)], *Racismo, etnicidade, cidadania*, Porto: Afrontamento.

BADER, Veit M. (2005), “Etnicidade e classe: um exercício para um mapeamento pro-teórico” in *Configurações, Revista de Sociologia*, 1: 15-39.

BENEDICT, Ruth [1983 (1942)], *Race and Racism*, Londres: Routledge & Kegan Paul.

BILLIG, Michael (2000), “National Stereotypes”, in *Athena*: 217-220 S. Leoussi (ed.), New Brunswick and Londres: Transaction Publishers..

CASANOVA, Maria José (2006), “A relação dos ciganos com a escola pública: contributos para a compreensão sociológica de um problema complexo e multidimensional” in *Interações*, 2:155-182.



ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. [1969(1963)], *The Established and the Outsiders. A Sociological Enquiry into Community Problems*. Londres: F. Cass.

GOFFMAN, Erving (1963), *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*, Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

ISAAC, Benjamin (2004), *The Invention of Racism in Classical Antiquity*, Princeton: Princeton University Press.

JAHODA, Gustav (1999), *Images of Savages: Ancient Roots of Modern Prejudice in Western Culture*, Londres e Nova Iorque: Routledge.

LIÉGEOIS, Jean-Pierre (1989), *Ciganos e itinerantes*, Lisboa: Santa Casa de Misericórdia.

MOSCOVICI, Serge (1973), "Foreword" in Herzlich, C., *Health and Illness*, Londres: Academic Press.

PINTO, Maria de Fátima (2001), *A cigarra e a formiga. Contributos para a reflexão sobre o entrosamento da minoria étnica cigana na sociedade portuguesa*, Porto: Cadernos REAPN.

SILVA, Manuel Carlos et. al.. (2006), *Relações inter-étnicas: portuguesas, ciganos-portuguesas e imigrantes dos PALOP: um estudo de caso no distrito de Braga (Projecto POCTI/SOC 103/96/2001)* (policopiado)

SILVA, Manuel Carlos e SILVA, Susana (2002), "Práticas e representações sociais face aos ciganos. O caso de Oleiros, Vila Verde" in *Antropológicas*, 6:6:57-86, Porto: Universidade Pessoa.

SOBRAL, José Manuel (2007), Cidadania, Nacionalidade, Imigração: um breve historial das suas inter-relações com referência ao caso português" in I. Estrada (coord.), *Cidadania no Pensamento Político Contemporâneo*, 137-163, Editorial Principia.

STANGOR, Charles G. (1996), "Stereotyping", Manstead, Anthony S. R. e Hewstone, Miles (Eds.), *The Blackwell Encyclopedia of Social Psychology*: 628-633, Oxford: Blackwell.

VALA, Jorge, LOPES, Dinis e RODRIGO, Brito (1999), "A construção social da diferença: racialização e etnicização das minorias" in J. Vala (org) *Novos racismos: perspectivas comparativas*: 145-167, Oeiras: Celta Editora.

VALA, Jorge (2000), "Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano", in Jorge Vala e Maria Benedicta Monteiro (coords.), *Psicologia Social*: 457-502, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Anexo 1: Inquiridos ciganos por atributos dos ciganos e dos portugueses em %

Atributos	Os "gatché" são		Os ciganos são	
	Sim	Mais ou menos	Sim	Mais ou menos
Alegres	21,4	78,6	92,9	7,1
Agressivos	-	50,0	-	35,7
Espertos	-	100	78,6	21,4
Honestos		100	85,7	14,3
Honrados	35,7	42,9	78,6	14,3
Impulsivos	-	92,9	7,1	78,6
Intuitivos	-	100	92,9	7,1
Invejosos	-	50	-	-
Leais	7,1	57,1	85,7	14,3
Livres	7,1	57,1	78,6	21,4
Mentirosos	-	71,4	-	7,1



Orgulhosos da raça	-	85,7	85,7	14,3
Perigosos	-	35,7	-	7,1
Preguiçosos	-	50	-	7,1
Protectores dos seus	-	42,9	92,9	7,1
Racistas	85,7	14,3	-	7,1
Respeitadores da Lei	7,1	82,9	85,7	14,3
Respeitadores da tradição	-	35,7	92,9	7,1
Respeitadores dos mais velhos	-	71,4	100	-
Vingativos	-	42,9	-	28,6

Fonte: ICCDB, 2003-04

ⁱ o que viria paradoxalmente a acontecer pela pressão política local, de modo a forçar a venda do terreno do acampanhamento (cf. Silva e S. Silva 2002)

ⁱⁱ Termo utilizado pelos ciganos para designar os indivíduos que não pertencem à etnia cigana.

ⁱⁱⁱ O bairro de Atougua, sendo propriedade do IGAPHE, situa-se à entrada da cidade de Guimarães. A maior parte da recolha do material sociográfico deste bairro foi levada a cabo, no quadro do Projecto POCTI/SOC/103/2001, pela terceira autora deste texto, Mariana Ramos, então estagiária do Curso de Sociologia – Ramo Políticas Sociais, sob a orientação do primeiro autor e investigador responsável deste projecto de Investigação intitulado “Relações Inter-étnicas: portugueses, portugueses-ciganos e imigrantes dos PALOP. Um estudo de caso no distrito de Braga”, projecto no qual estiveram envolvidos José Manuel Sobral (ICS-UL) e, parcialmente, Maria Engrácia Leandro (ICS-UM), Rosa Cabecinhas (ICS-UM), Fernando Bessa Ribeiro (UTAD) e Veit Bader da Universidade de Amesterdão.

^{iv} Tal como noutros municípios, nomeadamente em Barcelos, há no seio da comunidade cigana distinções hierárquicas, sendo o subtipo de comunidade cigana “galega” aquela que tem sido menos sedentarizada e integrada, apresentando padrões de modos de vida mais afastados dos não ciganos e sendo também sujeita a um maior nível de exclusão e rejeição sociais.

^v Tal como o reforçou uma outra moradora, para quem o segredo para lidar com os ciganos é justamente não mostrar medo: “*Se se mostra medo, eles quase que nos comem.*”

^{vi} Esta organização não surgiu de forma espontânea, mas por sugestão e ajuda do Gabinete de Apoio do Projecto de Luta Contra a Pobreza.

^{vii} Num dos dias em que a assistente de pesquisa no bairro foi fazer um questionário nesse bloco, ao penetrar no *hall* de entrada reparou que as escadas estavam sujas. Entrou no elevador e o cheiro a urina era de tal ordem que lhe dificultou a subida ao 3º andar. Acabou por ir fazer o questionário junto de uma senhora desempregada, de 43 anos, a qual, logo que a viu, lhe disse: “*Olhe menina, isto é uma vergonha. As crianças ciganas andam aí, os pais, avós, tios não as educam! Urinam no elevador, nas escadas, sujam tudo! E acha que podemos dizer alguma coisa? Não podemos! É que nem dá gosto pôr as coisas bonitas!*”

^{viii} Tal como, baseando-se na tese de Bierbrauer e Pederson, o refere Vala (1999:151) “*Quando diferentes culturas entram em contacto (...) existe então uma tendência generalizada para reagir a estas diferenças de uma forma discriminatória, ou seja, os membros do grupo de estatuto mais elevado usam os valores e padrões culturais que os caracterizam para julgar desfavoravelmente os grupos de menor estatuto*”.